

Aspectos fonético-fonológicos do kabuverdianu falado na Ilha do Príncipe

Shirley Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês

Manuele Bandeira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês

Ana Livia Agostinho

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Este artigo enfoca a migração caboverdiana para São Tomé e Príncipe (STP) no século XX e seu efeito linguístico no kabuverdianu falado nesta região. Alguns estudiosos, como Nascimento (2001, 2004) e Sousa (2014-2015), apontam que, em 1902, começa a afluir um grande número de trabalhadores caboverdianos contratados para trabalhar nas roças de STP. Contudo, a realidade dessa migração ainda não tem sido tema de muitos estudos, sobretudo no tocante às questões linguísticas, não havendo discussões voltadas à variedade de kabuverdianu falada na Ilha do Príncipe, lacunas que justificam a realização desta pesquisa. Este estudo possui os seguintes objetivos: (i) delinear a história da migração caboverdiana para STP; e (ii) apresentar uma análise preliminar de aspectos fonético-fonológicos e lexicais do kabuverdianu do Príncipe. Para atingir os objetivos, foram realizadas pesquisa bibliográfica e análise de dados coletados em trabalho de campo na Ilha do Príncipe em 2018. Após as análises, percebe-se que, a partir dos antigos contratados caboverdianos, o kabuverdianu chegou às ilhas STP e passou a fazer parte da paisagem linguística, se mantendo com os descendentes. Quanto aos aspectos linguísticos, a comparação entre as variedades principense e santiaguense de kabuverdianu apontou diversas similaridades fonéticas e lexicais (com relação, por exemplo, ao inventário fonético vocálico e consonantal e no tratamento de segmentos oriundos do português, como [b] e [ʎ]), como já defendido por Semedo (2016), e demonstrou a necessidade de mais estudos voltados ao kabuverdianu falado nas ilhas de STP.

Palavras-chave: Caboverdianos, Kabuverdianu, trabalhadores contratados, São Tomé e Príncipe, efeitos linguísticos, inventário fonético vocálico e consonantal.

1. Introdução

O presente estudo possui como objeto de discussão e análise a transmigração de trabalhadores contratados caboverdianos para São Tomé e Príncipe (STP) no século XX e seus efeitos linguísticos no atual cenário do arquipélago do Golfo da Guiné, especialmente na Ilha do Príncipe. Consideramos neste artigo a existência de uma variedade de kabuverdianu do Príncipe, uma vez que é aprendida e transmitida, intergeracionalmente, como língua materna por grande parte da população há décadas.

O movimento migratório caboverdiano para STP ainda é pouco conhecido e discutido, realidade já mencionada por Semedo (2016). A autora afirma que ainda hoje há uma escassez de trabalhos sobre essa temática, sendo o principal responsável por essas pesquisas Augusto Nascimento. Além deste autor, a pesquisa realizada para este artigo encontrou alguns outros, como Joana Areosa Feio e Marina Berthet. Ademais, há também um documentário de 2009, intitulado “São Tomé: Os Últimos Contratados” (Lopes 2009), que não está disponível online. Ao mesmo tempo, não há trabalhos voltados às características linguísticas da variedade de kabuverdianu falado em STP.

A presente pesquisa apresenta, portanto, um duplo objetivo: (i) traçar um panorama histórico da migração caboverdiana para STP, concentrando-se na Ilha do Príncipe; e (ii) realizar uma análise preliminar acerca de aspectos fonético-fonológicos e do vocabulário do kabuverdianu falado na Ilha do Príncipe. Para tanto, será feita uma comparação de itens do vocabulário básico das variedades santiaguense e principense. É importante salientar que utilizamos o termo principense nesse trabalho para nos referir aos habitantes da Ilha do Príncipe, independentemente de sua etnia. Assim, a referência não está necessariamente vinculada à língua falada por esses indivíduos. É importante ressaltar que, em geral, os falantes de kabuverdianu não são falantes de lung’le (ou principense), língua autóctone da região, e vice-versa.

Apesar de não ser o foco deste artigo, assumimos neste estudo que mudanças linguísticas estão relacionadas a fatores sociais tais como atitudes linguísticas, dados demográficos, estruturas socioeconômicas e relações políticas, sociais e de poder (cf. Winford 2013: 363-364; Yakpo 2020: 132-134). Assim, as ecologias linguística e social de situações de contato linguístico são imprescindíveis para a compreensão dos resultados linguísticos, uma vez que são moldados a partir delas.

Assim, o estudo está organizado da seguinte maneira: a primeira seção é dedicada ao cumprimento do primeiro objetivo, portanto a migração

caboverdiana para STP é abordada sob sua perspectiva histórica; ademais a língua falada pela comunidade caboverdiana também é discutida. Na segunda seção, os materiais e métodos utilizados para a análise são apresentados. A terceira seção se relaciona ao segundo objetivo do estudo, posto que aborda a discussão dos dados coletados em pesquisa de campo. Por fim, na última seção, as considerações finais da pesquisa são demonstradas.

2. A migração caboverdiana para São Tomé e Príncipe

Nessa seção, serão apresentados aspectos sócio-históricos relativos à migração de caboverdianos para STP. A primeira subseção apresenta de maneira resumida a história da colonização das ilhas e os aspectos que deram ensejo à migração de trabalhadores contratados no início do século XX. Passando para a subseção seguinte, o foco recai especificamente nos trabalhadores caboverdianos. Por fim, a última subseção discorre sobre a língua falada pela comunidade caboverdiana e seus descendentes, com seus reflexos na atualidade.

2.1. Trabalho contratado em São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe eram duas ilhas inabitadas até a chegada e estabelecimento de colonizadores portugueses no final do século XV e início do século XVI. Durante as primeiras décadas de ocupação da Ilha de São Tomé, inicia-se uma dispersão populacional devido ao avanço da colonização portuguesa em novas ilhas. O próximo território a ser ocupado é a Ilha do Príncipe, povoada por segmentos: no começo, provenientes de São Tomé e, posteriormente, de outras regiões africanas. Ademais, um número significativo de escravizados escapa dos engenhos da capital, formando, em seguida, quilombos em regiões afastadas dos núcleos de colonização. Esses membros quilombolas constituem os grupos populacionais conhecidos até hoje como angolares. Os indivíduos que permaneceram na capital de São Tomé, por seu turno, dividiram-se entre membros do grupo de alforriados (chamados por isso de forros) e homens africanos (livres e não livres). Desse modo, a partir do século XVI, começam a emergir três grupos etnicamente distintos no arquipélago: os forros e os angolares, residentes na Ilha de São Tomé, e os principenses, habitantes da Ilha do Príncipe.

Na segunda metade de 1800, o arquipélago volta a ser alvo de exploração econômica a partir do estabelecimento de roças que podem ser

definidas, nas palavras de Nascimento (2004: 186), como “[...] empreendimentos agrícolas baseados no trabalho intensivo e na disjunção social, económica e política entre dirigentes e força de trabalho separados pela condição racial”. Tal período, costumeiramente chamado por historiadores de recolonização, teve como elemento constitutivo o trabalho forçado, referido na época e ainda hoje sob o rótulo: trabalho por contrato.

Em grande medida, dois fatores colaboraram para a emergência do regime de contratos nas roças. O primeiro motivo está relacionado ao próprio fim da escravidão. Assim, a partir de 1860, o sequestro de segmentos populacionais passa então, forçadamente, a ser substituído paulatinamente pela entrada de libertos (Nascimento 2004). Os libertos residentes do arquipélago, por sua vez, repudiaram a ideia de trabalhar para ex-senhores, posto que o trabalho nas roças assemelhava-se em muito à escravidão, primeiramente, por envolver trabalho braçal ordenado por indivíduos de uma posição hierárquica superior e dominante – posição essa promovida por uma ocupação violenta de terras e por uma segregação racial executada pela gestão pública – e, em segundo lugar, devido à condição de desqualificação social intrínseca ao serviçal aos olhos dos emancipados locais (Nascimento 2004). Tal repúdio era partilhado não só entre forros, mas também entre angolares. Os dois grupos étnicos recusavam o trabalho nas roças por considerá-lo “trabalho escravo, indigno ao seu estatuto social de africanos livres” (Seibert 2015: 113-114). A recusa, de acordo com Seibert (2015), constituía um traço identitário comum aos crioulos.

Aliada à rejeição ao trabalho braçal, os santomenses possuíam o desejo de distinção social com relação aos filhos das roças (Nascimento 2004). Os forros, especificamente, notaram que o trabalho mandatário nas roças poderia ser uma coerção não só à sua identidade livre, como também à sua posição intermediária na hierarquia colonial (Seibert 2015).

Com a recusa dos nativos em trabalhar nas plantações, os roceiros tomaram como alternativa a contratação de serviçais, inicialmente, oriundos de Angola. Em 1875, com a necessidade de organização do arquipélago para o trabalho contratado, criou-se a Curadoria Geral dos Indígenas a fim de que se recrutassem contratados africanos (Seibert 2015). De acordo com Nascimento (2004: 190), na contratação, remanesceu a dinâmica escravista com a “mudança” do escravizado para o serviçal, da escravidão para o contrato, isto é, trabalho forçado. Uma prova disso foram as frequentes renovações de contratos, atribuindo formalidade à manutenção desses segmentos populacionais no arquipélago por longos anos. Ademais, os roceiros, ao saber que o fluxo de mão-

-de-obra importada do continente não estava condicionado à proposta de boas condições laborais e, em especial, financeiras, desde a implantação do regime de contrato, não tinham interesse em oferecer condições mínimas de trabalho e de vida nas roças para os imigrantes (Nascimento 2004). Pelo contrário, a carga horária de trabalho era definida pela demanda da execução das tarefas atribuídas pelos roceiros, significando, na maioria dos casos, que “o tempo nas roças era, sobretudo, tempo de trabalho” (Nascimento 2004: 191). O cenário opressor impossibilitou, muitas vezes, a própria formação regular de seios familiares com base na reprodução social e biológica dos serviçais. Há relatos que apontam casos de abortos provocados em razão de as serviçais se perceberem cativas, não desejando, por isso, ter descendentes em um ambiente sobre o qual não tinham domínio (Nascimento 2004).

Desse modo, o desejo pelo lucro, o trabalho extenuante na criação e manutenção das plantações, em conjunto com as infraestruturas precárias, impuseram ao trabalhador da roça uma elevada carga de trabalho no final do século XIX e início do século XX. Com o não repatriamento, houve um aumento progressivo da taxa de mortalidade dos serviçais (Nascimento 2004). De acordo com este autor, o trabalho forçado perdurou oficialmente em São Tomé e Príncipe até 1960, contudo, alguns registros defendem que, até 1974, era possível encontrar essa modalidade de trabalho nas colônias portuguesas.

A migração de contratados para STP tornou-se mais recorrente sobretudo na primeira metade do século XX e as cifras populacionais ilustram esse quadro. De acordo com Seibert (2015), em 1921, da população total, 44.501 eram contratados e 20.190, nativos. Entre 1900 e meados de 1940, o número de contratados africanos superou o número da população local. Em 1961, em face do declínio do cultivo do cacau, o número de contratados diminuiu para 22.000 (Nascimento 2008).

Dentre os contratados que foram para STP, a seguir nos concentraremos naqueles oriundos de Cabo Verde, tema sobre o qual se debruça esse artigo.

2.2. A migração dos caboverdianos para São Tomé e Príncipe

A ida maciça de caboverdianos para STP teve início no começo do século XX¹ e durou mais de um século, tendo se intensificado entre os anos de 1940 e 1960 e contado com uma participação governamental para promovê-la. De acordo

¹ Em 1863/1864 – alguns anos antes de a abolição da escravatura entrar em vigor nas ilhas (1869) (Berthet 2012) – houve poucos episódios isolados da chegada de caboverdianos em STP.

com Nascimento (2001), em 1902, as ilhas de Cabo Verde estavam mergulhadas em um cenário de fome e crise no abastecimento, além de sofrerem alterações na política de trabalhos públicos adotada pelo governo das ilhas. Tal mudança estava assentada em acordos realizados entre o governador de Cabo Verde, Paula Cid, e os proprietários de roças de STP para o envio de caboverdianos para as ilhas. STP solicitava que Paula Cid suspendesse os incentivos à emigração para América e para colônias francesas, estimulando a ida para STP;² em contrapartida, o governo de STP oferecia garantias de que os contratados seriam repatriados ao final dos contratos (o que, na prática, não ocorreu para grande parte deles). Conforme aponta Sousa (2014-2015), foram criadas dificuldades para a saída dos caboverdianos para outros lugares, a fim de absorvê-los, por conseguinte, em STP. Assim, a partir desses acordos, em 1903, tem início a migração caboverdiana para o arquipélago do Golfo da Guiné, com a ida de cerca de 1500 caboverdianos. Nos três anos seguintes, o número de migrantes diminuiria em decorrência do desinteresse dos caboverdianos em irem para STP – o próprio governador reconheceu que, em condições normais, os caboverdianos não desejariam trabalhar nas roças santomenses – e também da falta de engajamento dos roceiros em recrutarem contratados de Cabo Verde. Com relação à ida para STP no decorrer do século XX, Nascimento (2010) aponta que, até 1940, havia muita resistência por parte dos caboverdianos. Com a propagação das crises de fome em Cabo Verde a partir dos anos 40, começou a se acentuar a ida de caboverdianos para STP, ainda que parte dessa migração tenha tido caráter compulsório. A partir de 1960, registrou-se uma maior ida voluntária. Nesse período, segundo o autor, Cabo Verde se constituía como a única opção para o fornecimento de mão-de-obra para as roças (em virtude de discordâncias entre os governos das colônias), o que, aliado à política caboverdiana de facilitar a migração para STP, fez com que muitos caboverdianos migrassem para as ilhas, passando a compor parte relevante de sua população mesmo após a independência.

A ida para STP é considerada de maneira corrente como a única solução possível para os cenários de fome e seca que assolavam o arquipélago de Cabo Verde, concepção geral questionada por Semedo (2016). A autora apresenta registros históricos (como relatos de jornais da época, bem como documentos administrativos) junto às informações coletadas nas entrevistas com caboverdianos para reconstruir o cenário da migração desde a saída de Cabo

² Sousa (2014-2015) afirma que foi a partir desse momento que emergiram a SOEMI (Sociedade de Emigração para São Thomé e Príncipe) e agências de recrutamento de emigrantes.

Verde até a realidade do trabalho nas roças de STP. Semedo (2016) começa por trazer registros que revelam que de fato as condições do arquipélago caboverdiano no começo do século XX eram bastante difíceis, sendo frequentes ciclos de seca, fome e surtos de doenças que levavam à morte de inúmeros habitantes. Apesar desse cenário de adversidades que assolavam Cabo Verde, a autora se mostra contrária à crença de que a ida para STP era a única solução possível para a população. Migrações para outros países, como os Estados Unidos, poderiam ser uma possibilidade, contudo, o que ocorreu foi uma saída massiva de um grande contingente de pessoas de Cabo Verde para STP (mesmo que, entre os próprios caboverdianos, a migração para STP fosse descrita como um degredo). Assim sendo, segundo Semedo (2016) o que impulsionou a migração, sob o rótulo de trabalho contratado, foram arranjos entre a metrópole e suas antigas colônias, conforme discutido acima.

No que diz respeito aos números da migração caboverdiana para STP, de acordo com Sousa (2014-2015, p. 194), de 1902 a 1922, 23.018 adultos e 1.311 crianças saíram em direção ao Sul, perfazendo o total de 24.329 pessoas, com uma média anual de 1.159 emigrantes. Para São Tomé, foram 12.117 adultos e 825 crianças. Conforme Carreira (1983), do total que emigrou, 91% rumaram para São Tomé e Príncipe e 9% se dirigiram a outros destinos. Os maiores contingentes populacionais chegaram a São Tomé nos anos de 1902 e 1903 (2.500 pessoas), 1904 (2.132) e 1921 (2.707). Com destino ao Príncipe, houve 11.038 pessoas, sendo que os anos de 1913, 1914, 1915, 1919 e 1920 foram os períodos com mais de mil indivíduos cada (Sousa 2014-2015). Em média, 12.149 foram contratados para São Tomé e Príncipe de 1909 a 1922, sendo que 4.652 se dirigiram para São Tomé e 7.497, para o Príncipe (Sousa 2014-2015, p. 195). Carreira (1983) alega que, entre 1900 e 1970, 179.979 indivíduos saíram de forma espontânea, ao passo que 87.385 saíram forçadamente. Sousa (2014-2015, p. 195) afirma ser evidente que existiram falhas no cálculo estatístico, mas, ainda assim, defende que emigraram para STP nesse período cerca de 267.363 indivíduos, homens e mulheres. De acordo com Semedo (2016), observa-se que os índices migratórios aumentaram na segunda metade do século XX.

Conforme a Tabela 1, entre 1900 e 1922, 23.978 caboverdianos foram para STP sob o regime de contrato. Entre 1940 e 1949, foram 20.884 emigrantes. No período entre 1950 e 1973, houve 34.530 emigrantes caboverdianos se dirigindo a STP. Com a soma dos três períodos, obtém-se um total de 79.392 pessoas (Carreira 1983).

Tabela 1. Contingente populacional emigrante de Cabo Verde no século XX de acordo com Carreira (1983)

Período	Número de emigrantes
1900-1922	23.978
1940-1949	20.884
1950-1973	34.530
Total	79.392

No que tange às ilhas de procedência dos caboverdianos, Semedo (2016) aponta que a maior parte deles era oriunda de Santiago, Santo Antão, Fogo e São Nicolau, o que demonstra a heterogeneidade do segmento caboverdiano – também apontada por Nascimento (2001). Segundo Sousa (2014-2015), dos 66.249 que emigraram de 1912 a 1973, 37.891 eram da Ilha de Santiago. Os entrevistados por Berthet (2011), por seu turno, eram oriundos sobretudo de Santiago, Fogo, Brava e, em menor número, de São Nicolau e São Vicente. A despeito dessa variedade de procedências, predomina entre os descendentes um sentimento de pertencimento a Cabo Verde e um desejo de manter as tradições do país, inclusive no que se refere ao uso da língua (o kabuverdianu). Entre os caboverdianos que emigraram para STP, havia muitos casais e famílias, ao contrário dos imigrantes que vinham de Angola e Moçambique. Essa maior ida de famílias remete ao desejo do governo colonial de formar uma classe social agrícola até então inexistente (Berthet 2011).

Após a independência, em 1975, segundo Berthet (2011), muitos caboverdianos voltaram para Cabo Verde (inclusive com ajuda do Estado), alguns foram para Portugal e outros ficaram em STP. Segundo Seibert (2015), os trabalhadores das roças que permaneceram no arquipélago, em sua maioria, eram provenientes de Cabo Verde. A permanência se deve, em parte, ao fato de o país, em 1975, não possuir condições para receber de volta os milhares de caboverdianos, ao passo que necessitava de mão de obra para o cultivo de cacau (Seibert 2015). Feio (2016) menciona que, após o final dos contratos, não houve repatriamento de grande parte dos caboverdianos e, assim, atualmente, metade da população santomense é de ascendência caboverdiana; no Príncipe, esse número chega a 80% da população. Conforme dados do Censo de 2012, mencionados por Semedo (2016), aproximadamente 1/3 da população de STP é formada por caboverdianos e seus descendentes. Apesar disso, a autora não considera a elevada miscigenação entre as diferentes etnias presentes no arquipélago. O Censo de 2012, citado pela autora, afirma que o kabuverdianu é falado por 8,5% da população do país e por 31% da população do Príncipe (INE 2012). De qualquer forma, essas cifras mostram que, ao fim da migração e após

a independência, grande parte dos antigos contratados permaneceu em STP, onde passaram a atuar como rendeiros, podendo se beneficiar do cultivo de agricultura e da criação de gado em terrenos do governo, ainda que sem o direito de propriedade.

2.3. A língua dos caboverdianos e seus descendentes

Com relação à língua falada pela comunidade caboverdiana em STP – país que tem o português como língua oficial e onde são faladas também as línguas autóctones santome (ou forro), angolar e lung’Ie (ou principense) ³ –, não se tem conhecimento de nenhum estudo científico que trate da variedade de kabuverdianu falada em STP, especialmente no Príncipe, onde vive grande parte dos caboverdianos e seus descendentes. Nos materiais consultados, há poucas informações relacionadas a aspectos linguísticos. Berthet (2011) menciona brevemente que um dos traços da caboverdianidade (o reconhecimento enquanto caboverdiano) é falar a língua do país (o kabuverdianu), sendo recorrente entre os entrevistados da autora o uso dessa língua. Feio (2016) também aponta a prática recente por parte dos descendentes de caboverdianos de cantar músicas em kabuverdianu como forma de reafirmar sua identidade. Semedo (2016) afirma que, em STP, há duas associações da comunidade caboverdiana: em São Tomé, existe a Ké Morabeza; e no Príncipe, a Djunta Mon. Segundo Semedo (2016, p. 33), os objetivos principais das associações são: “[...] a melhoria da situação dos cabo-verdianos em São Tomé, particularmente os nas roças e garantir uma melhor integração social na sociedade de São Tomé e Príncipe”. Durante trabalho de campo, foi possível constatar a existência da Casa Morabeza no Príncipe pelo menos desde 2009 (cf. Agostinho 2009).

Agostinho (2015, 2016) afirma que há inúmeros falantes de kabuverdianu como primeira língua e idosos monolíngues na Ilha do Príncipe, principalmente nas roças e centros de acolhimento.⁴ A autora também aponta para o fato de que há mais falantes nativos de kabuverdianu no Príncipe do que falantes de lung’Ie. Apesar disso, é importante ressaltar que, diferentemente do que ocorre em Cabo Verde, o português é falado por 98,4% da população (INE 2012) de STP. Em outras palavras, os falantes de kabuverdianu são, em grande maioria, falantes de português. Em relação à mídia, a maioria da programação

³ Para maiores detalhes sobre a situação sociolinguística de STP, consultar Agostinho, Bandeira e Freitas (2020).

⁴ Vale ressaltar que essa informação data de trabalhos de campo realizados entre 2009 e 2014.

musical na Rádio Regional do Príncipe é veiculada em português, kabuverdianu e santome (Agostinho 2015, 2016).

Além desses relatos esparsos, Semedo (2016) traz mais algumas informações relativas à língua. A autora aponta que o kabuverdianu seria falado apenas pelos mais velhos (nascidos em Cabo Verde) e seria uma variedade fortemente influenciada pelo português no que tange ao léxico e às estruturas sintáticas. O uso do kabuverdianu seria reduzido mesmo nas zonas rurais (as antigas roças), que concentram um maior número de caboverdianos. Dentre os descendentes, a segunda geração falaria o kabuverdianu permeado pelo português santomense; já a terceira geração falaria somente português, podendo entender um pouco o kabuverdianu. Ilustrativo dessa afirmação é o fato de uma das entrevistadas de Semedo (2016) (descendente de caboverdianos e, na época da pesquisa, com 25 anos) só ter aprendido o kabuverdianu quando foi fazer faculdade no arquipélago de Cabo Verde e lá morou por quatro anos. Dentre os demais habitantes de STP, a autora afirma que muitos forros conseguem entender o kabuverdianu pelo fato de essa língua ser bastante vigente nos dois mercados da cidade, que concentram muitos vendedores caboverdianos e descendentes.

Em outro ponto do estudo, Semedo (2016) afirma que, nas roças, fala-se um pouco de kabuverdianu, junto com o português santomense, sendo variável o uso de cada uma das línguas, a depender do número de caboverdianos e seus descendentes. Segundo a autora, a variedade de kabuverdianu predominante em STP seria aquela falada em Santiago (de onde teriam partido grande parte dos migrantes). Semedo (2016) reitera que a comunidade caboverdiana, contudo, mesmo compreendendo a língua, preferiria usar o português durante a comunicação, postura seguida sobretudo pelos descendentes da primeira e da segunda geração.

As informações de Semedo (2016) relativas ao uso reduzido do kabuverdianu se contrapõem aos relatos colhidos em trabalho de campo preliminar realizado em 2018 (detalhado na seção da metodologia) e ao cenário descrito por Agostinho (2015, 2016). Os caboverdianos e descendentes entrevistados apontam que, em sua vida diária, falam mais kabuverdianu, sendo o português falado na escola ou com pessoas de fora que não falam kabuverdianu. Um dos informantes, que nasceu em Cabo Verde, foi para o Príncipe aos 8 anos e, em 2018, tinha 62 anos, mencionou que muitos naturais do Príncipe aprenderam a língua, dado que a maioria da população principense seria caboverdiana ou descendente de caboverdianos.

As informações trazidas por outro entrevistado também ilustram esse maior uso do kabuverdianu do que é assumido por Semedo (2016). O

informante, nascido no Príncipe e, à época da entrevista, com 43 anos, afirmou que, quando foi a Cabo Verde, conseguiu se comunicar sem grandes dificuldades com os nativos de Santiago. Ele mencionou ainda que foi confundido com um caboverdiano diversas vezes, com os locais (e o próprio informante) dizendo não perceber diferenças entre o kabuverdianu falado por ele e o falado por um nativo de Cabo Verde.⁵ Ainda que tal afirmação precise ser confirmada com base em análises acuradas, a mesma demonstra que o kabuverdianu é parte importante da comunidade descendente de STP, sendo necessários estudos que busquem descrevê-lo.

3. Estudo do kabuverdianu do Príncipe

Esta pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira delas foi a pesquisa bibliográfica de materiais acerca da migração caboverdiana para STP. Após a leitura e levantamento dos pontos principais dos textos, foi possível construir um panorama sobre as condições da saída de migrantes de Cabo Verde para São Tomé e Príncipe, compilando informações dispersas em algumas obras. Ademais, nessa primeira etapa foi feita uma busca por materiais que discutissem a variedade de kabuverdianu usada em STP, contudo, não foram encontradas muitas informações a esse respeito.

Após a pesquisa bibliográfica, a etapa seguinte consistiu na análise de dados da variedade de kabuverdianu do Príncipe, segundo uma metodologia que seguidamente se descreve.

3.1. Metodologia

Os dados foram coletados em viagem de campo feita para STP no final de 2018. A viagem, em que foi feita uma primeira coleta de dados dessa variedade de kabuverdianu, teve curta duração. A expectativa é realizar, no futuro, outras viagens para o Príncipe a fim de ampliar a base de dados, o que permitirá análises mais aprofundadas sobre aspectos diversos, como fonético-fonológicos e morfológicos.

Os vocábulos do kabuverdianu do Príncipe que aparecem na seção da análise de dados foram recolhidos em entrevistas realizadas com quatro informantes com as seguintes características sociais:

⁵ Esse comentário precisa ser relativizado, já que, na análise de dados, apresentam-se diferenças entre as duas variedades.

Quadro 1. Características sociais dos informantes do Príncipe

	Origem	Sexo	Idade⁶	Local
Informante 1	Cabo Verde ⁷	masculino	62	Sundy
Informante 2	Cabo Verde ⁸	masculino	51	Belo Monte
Informante 3	Príncipe	masculino	43	Belo Monte
Informante 4	Príncipe	masculino	48	Belo Monte

Os quatro entrevistados afirmaram ter o kabuverdianu como língua materna, tendo tido o primeiro contato com o português na escola. Ademais, eles mencionaram também que a língua com que mais se identificam e que mais usam em sua comunicação diária é o kabuverdianu.

Acerca dos informantes e da base de dados, alguns comentários devem ser feitos. Primeiramente, deve-se mencionar o caráter preliminar da análise empreendida face ao baixo número de dados coletados (o que se deu até pela curta estadia no Príncipe) e ao fato de, na amostra, haver apenas informantes do sexo masculino e com idades entre 43 e 62 anos. Esse perfil mais homogêneo não era o desejado em nossa pesquisa (pretendíamos coletar também amostras com mulheres, pessoas dos dois sexos mais jovens e mais velhas), tendo ocorrido em virtude da disponibilidade dos informantes. Não foi possível saber com exatidão de que ilha de Cabo Verde os informantes ou seus ancestrais provêm, uma vez que os próprios descendentes não sabem precisar essa informação. Os relatos sugerem que o embarque pode ter sido a partir de Santiago, mas essa informação é imprecisa, dado que, apesar de Praia ter sido um dos locais de onde muitos caboverdianos embarcaram, não necessariamente as pessoas eram oriundas dessa ilha, podendo ter migrado anteriormente a partir de outras ilhas, como Santo Antão. Assim sendo, pretendemos, em viagens futuras, construir uma amostra mais representativa a partir de diferentes critérios sociolinguísticos, como sexo, faixa etária, procedência de Cabo Verde. Os dados apresentados na seção da análise de dados foram coletados tomando como referência a lista Swadesh (Graham & Graham 2014), que reúne itens lexicais pertencentes ao vocabulário básico de várias das línguas do mundo, permitindo a comparação entre elas. Há algumas versões dessa lista, contendo mais ou menos vocábulos. Deve-se mencionar que essa lista serviu somente como uma referência, tendo sido incluídos outros itens lexicais de uso comum no kabuverdianu falado em Cabo Verde. Após uma conversa inicial a fim de descontrair o informante, foi solicitado que o informante fornecesse o

⁶ Em 2018.

⁷ Este informante migrou para o Príncipe com sua mãe aos 8 anos.

⁸ Este informante migrou para o Príncipe com os pais aos 2 anos.

correspondente de uma dada palavra (por exemplo, ‘perna’) no kabuverdianu. Uma vez que as entrevistadoras compreendem kabuverdianu, mas não falam a língua, as perguntas eram feitas em português a um intérprete bilíngue que traduzia para o kabuverdianu a fim de garantir que as respostas não fossem dadas em português (ainda que os informantes soubessem falar ambas as línguas).

Após a transcrição fonética dos dados (num total de 261 vocábulos), os mesmos foram agrupados segundo critérios semânticos e gramaticais, como partes do corpo, cores, numerais, nomes, verbos, adjetivos, numerais, pronomes, quantificadores. Em seguida, foram elencadas as realizações fonéticas desses mesmos itens no kabuverdianu de Santiago, baseando-se em dicionários da língua, como Quint (1998) e Lang (2001).⁹ O objetivo era observar se existem muitas diferenças entre as duas variedades de kabuverdianu com relação ao léxico e os fones usados, abrindo caminhos para estudos em outros níveis linguísticos.

Nessa primeira análise, preliminar, como já mencionado, escolheu-se comparar os dados encontrados no Príncipe com a variedade de Santiago pelo fato de essa ser a variedade mais antiga e possivelmente aquela que deu origem às demais (Quint 2000b), sendo até hoje aquela que conta com maior número de estudos. Além disso, como discutido na seção anterior, Semedo (2016) aponta que grande parte dos migrantes teriam partido de Santiago, Santo Antão, Fogo e São Nicolau e que a variedade de kabuverdianu de STP seria a de Santiago. Ademais, nos relatos dos informantes, as menções feitas são, em geral, à Ilha de Santiago, o que nos levou a usar esse ponto de partida. Pretende-se, no futuro, ampliar a comparação, incluindo outras variedades, como a de Santo Antão, alinhando aspectos linguísticos com o perfil social dos informantes (como a ilha de procedência). Como discutido por Quint (2000a), entre outros, há diferenças (inclusive fonético-fonológicas) entre as variedades faladas nas ilhas caboverdianas de Sotavento (Santiago, Fogo, Maia e Brava) e de Barlavento (Boa Vista, São Nicolau, Santo Antão, São Vicente e Sal). O

⁹ Não consideramos neste trabalho as transcrições fornecidas por Graham & Graham (2004) em virtude de haver controvérsias quanto à fiabilidade das realizações fornecidas, o que pode se dever à própria escolha dos informantes. Nas transcrições do kabuverdianu de Santiago, há o uso da fricativa velar [x] e da oclusiva glotal [ʔ], ainda que tais segmentos não sejam mencionados por nenhum estudo já realizado sobre a língua. Ademais, em comparação ao *corpus* analisado nesta pesquisa, cinco vocábulos possuem acento diverso tanto da variedade do Príncipe quanto das demais realizações de Santiago, sendo possível conjecturar um lapso nas transcrições. São eles: [ko'xesaõ] (além do acento, há outros aspectos controversos, como o uso da vogal [ɛ] e a localização do traço nasal na vogal [o]) ‘coração’, [ˈmulʔɛx] ‘mulher, esposa’, [ʔa'nimal] ‘animal’, [ˈxais] ‘raiz’, [nu'via] ‘nuvem’.

autor afirma inclusive que a variedade de Santo Antão é tão diferente quanto a aspectos fonológicos e morfológicos que poderia constituir um grupo isolado. Assim, reconhecemos que, caso a comparação fosse feita com outras variedades, teríamos resultados diferentes, o que é um aspecto a ser observado futuramente.

Nas transcrições do kabuverdianu de Santiago, não foram realizadas mudanças nas transcrições fornecidas pelas obras consultadas, exceto no que tange às africadas [tʃ] e [dʒ], que, em Lang (2001), aparecem, respectivamente, como as oclusivas palatais [ç] e [ʝ]. Ademais, em alguns casos, há diferenças entre os autores, como se observa na vogal central: Quint (1998) faz uso de [ɑ], enquanto Lang (2001) utilizam o símbolo [ɐ] nos mesmos contextos. Ainda com relação às transcrições fonéticas, devem-se mencionar as representações adotadas para o traço nasal em início de palavra, a consoante nasal velar em final de palavra, a vogal com o traço nasal e a vibrante. Quint (1998) indica a existência de um traço nasal precedendo uma consoante em início de palavra por um til (~), ao passo que Lang (2001) empregam uma consoante nasal homorgânica ([m n ɱ ɲ]) à consoante seguinte. Nos casos em que a consoante nasal velar se encontra em final de palavra, podendo ou não ser pronunciada, Lang (2001) colocam essa consoante entre parênteses. Por fim, com relação à vibrante, tanto Quint (1998) quanto Lang (2001) empregam o símbolo da vibrante múltipla ([r]). Contudo, considerando discussões prévias desses autores, é possível conjecturar que houve uma hipergeneralização do símbolo, que pode se referir tanto à vibrante simples/tepe quanto à múltipla, não havendo oposição entre elas. A esse respeito, com relação à variedade de Santiago, Lang (2002, p. 108) afirmam que “[o] número de toques da ponta da língua contra os alvéolos não é fonologicamente distintivo. Ocorrem realizações com um, dois, três e, especialmente em pronúncias enfáticas, até mais toques”.

A partir da comparação das duas amostras do kabuverdianu do Príncipe (doravante KVP) e de Santiago (doravante KVS), objetivou-se identificar aspectos consonantes e divergentes, perscrutando, na medida do possível, eventuais razões para as assimetrias encontradas entre as duas variedades. Assim, ao cotejar as realizações fonéticas dos itens do corpus coletado no Príncipe com aquelas registradas no KVS, havia, de antemão, as seguintes hipóteses: (i) as realizações do KVP apresentam aspectos fonéticos muito distintos do KVS, sendo possivelmente uma variedade de caráter inovador em razão do contato linguístico intenso, especialmente com o português – que estaria restando as chances de preservação da pronúncia antiga, especialmente entre os falantes mais jovens; e (ii) as realizações do KVP, mesmo com

diferenças pontuais, demonstram múltiplos traços fonéticos similares aos descritos no KVS, o que pode indicar, portanto, uma variedade de kabuverdianu de perfil conservador. Assim, é possível que o KVP tenha sido submetido a uma homogeneização dialetal por estar restrito a um novo microcosmo linguístico e social. Nas duas hipóteses, não se pode negar o efeito do contato com o português, contudo, é também inegável que o perímetro de interferência do português no KVP pode ser reduzido diante do fato de esses falantes terem a variedade caboverdiana como língua primeira, transmitida de geração em geração, usada como veículo primordial de comunicação comunitária e, por último e não menos importante, considerada um símbolo identitário. Desse modo, a própria (re)existência dessas comunidades de falantes de KVP com a referida configuração linguística e social pode tanto ter colaborado para a preservação da variedade no Príncipe em si como para a conservação dos seus traços fonéticos originários.

3.2. Análise dos dados

A análise dos dados do kabuverdianu do Príncipe será feita em duas vertentes: inicialmente serão apresentados os fones encontrados para essa variedade; em seguida, os itens lexicais pertencentes ao vocabulário básico e itens de uso comum serão comparados com seus correspondentes na variedade santiaguense.

Com relação aos aspectos fonológicos do kabuverdianu do Príncipe, não foram encontrados estudos prévios que discutam aspectos como os quadros fonológicos vocálicos e consonantais, a estrutura silábica ou o acento lexical, entre outros (na verdade, conforme mencionado na introdução e na seção anterior, não há pesquisas que tratem dessa variedade sob nenhum prisma). Diante disso, essa seção se ocupará num primeiro momento de apresentar o inventário de fones vocálicos e consonantais do kabuverdianu do Príncipe. É importante salientar que estamos nos referindo somente às realizações fonéticas, não sendo possível propor, nesse momento, o quadro de fonemas dessa variedade,¹⁰ já que as gravações realizadas não incluíram testes com pares mínimos cuja oposição de significado evidenciaria a existência de fonemas distintos.

¹⁰ O kabuverdianu de Santiago apresenta oito fonemas vocálicos (/i e ε a v o u/) e vinte consonantais (/p b t d k g f v s z ʃ ʒ tʃ dʒ m n ɲ l ʎ r/). No âmbito fonético, a língua possui cinco vogais nasalizadas ([ĩ ê ã õ ù]) (cf. Lang 2002; Quint 2000a; Rodrigues 2007 para uma discussão mais detalhada sobre o quadro fonológico da língua).

A partir dos dados coletados, foi possível perceber que o kabuverdianu do Príncipe apresenta o seguinte inventário fonético oral: [i e ε a ɔ o u]. Esses segmentos podem ocorrer em posição tônica e pré-tônica, como ilustrado no quadro 2:

Quadro 2. Fones vocálicos orais do kabuverdianu do Príncipe

Fone	Posição tônica	Posição pré-tônica
[i]	[ba'riɣa] 'barriga'	[ani'maɫ] 'animal'
[e]	['peɣa] 'pegar, segurar'	[pe'soa] 'pessoa'
[ε]	[ama'relu] 'amarelo'	[ʒe'ladu] 'gelado'
[a]	['nada] 'nadar'	[pa'nela] 'panela'
[ɔ]	['kɔbra] 'cobra'	[tɔ'rezma] 'torresmo'
[o]	['obi] 'ouvir'	[o'bidu] 'ouvido'
[u]	['supla] 'soprar'	[kutu'belu] 'cotovelo'

Em posição pós-tônica medial, não foi possível analisar a distribuição dos fones, dado o número reduzido de vocábulos proparoxítonos (foram registradas somente as palavras ['fiɣadu] 'fígado', ['arvɔri] 'árvore', ['pasaru] 'pássaro', ['bɔbɔra] 'abóbora'). Em posição átona final, foram encontrados, de forma geral, somente três fones: [i a u], como em ['karni] 'carne', ['aza] 'asa' e ['tẽpu] 'tempo'. Em itens verbais, é possível encontrar ainda alguns poucos casos de [e] final, como ['tene] 'ter', ['kume] 'comer', ['pone] 'pôr', ['morde]/['mordi] 'morder', ['bebe]/['bebi]/['bɛbi] 'beber', em que pode haver ou não alçamento vocálico final.

Além dos fones vocálicos orais, o kabuverdianu do Príncipe possui também os fones com o traço nasal [ĩ ẽ ẽ õ ã], como se observa no quadro 3:

Quadro 3. Fones vocálicos nasais do kabuverdianu do Príncipe

Fone	Posição tônica	Posição pré-tônica
[ĩ]	[si'gĩti] 'seguinte'	[ĩ'tʃadu] 'inchado'
[ẽ]	['dẽtru] 'dentro'	[ẽ'zami] 'exame'
[ẽ]	['brẽku] 'branco'	[kẽ'sadu] 'cansado'
[õ]	['lõzi] 'longe'	[mõ'taɲa] 'montanha'
[ũ]	['ũdi] 'onde'	[kũ'pridu] 'comprido'

Não foi possível verificar a realização da consoante nasal homorgânica nesses casos. Ademais, uma análise fonológica se faz necessária para a argumentação em favor de uma análise mono ou bifonêmica das vogais nasais. Passando para os segmentos consonantais, foram encontrados 21 fones: [p b t d k g f v s z ʃ ʒ tʃ dʒ m n ɲ l ʎ ɾ]. Exemplos desses segmentos, bem como as posições silábicas em que eles foram encontrados, são ilustrados no quadro 4:

Quadro 4. Fones consonantais do kabuverdianu do Príncipe

	Fone	Exemplo	Distribuição na sílaba	
Oclusivos	[p]	[ˈpeʃi] ‘peixe’ [ˈpretu] ‘preto’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos	
	[b]	[ˈboka] ‘boca’ [ˈbriga] ‘brigar, lutar’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos	
	[t]	[ˈtudu] ‘tudo’ [aˈtras] ‘atrás’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos	
	[d]	[ˈdēti] ‘dente’ [ˈpedra] ‘pedra’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos	
	[k]	[ˈkosa] ‘coçar’ [ˈkrɛ] ‘querer’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos	
	[g]	[ˈgosta] ‘gostar’ [ˈmagru] ‘magro’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos	
	Fricativos	[f]	[ˈfaka] ‘faca’ [ˈflor] ‘flor’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos
		[v]	[ˈvētu] ‘vento’	Onset simples
[s]		[ˈsapu] ‘sapo’ [pesˈkosu] ‘pescoço’ [ˈskrebi] ‘escrever’	Onset simples Coda C1 em onset com 3 elementos	
[z]		[aˈzuʃ] ‘azul’ [tɔˈrezma] ‘torresmo’	Onset simples Coda	
[ʃ]		[ˈʃita] ‘sentar(-se)’ [ˈʃkova] ‘escova’ [ˈʃfrega] ‘esfregar’	Onset simples C1 em onset com 2 elementos C1 em onset com 3 elementos	
[ʒ]		[ˈzɛlu] ‘gelo’	Onset simples	
Africados		[tʃ]	[ˈtʃeru] ‘cheiro’	Onset simples
		[dʒ]	[ˈdʒobi] ‘olhar’	Onset simples
Nasais	[m]	[ˈmɔri] ‘morrer’	Onset simples	
	[n]	[ˈnoti] ‘noite’	Onset simples	
	[ɲ]	[ˈviɲu] ‘vinho’	Onset simples (medial)	
Laterais	[l]	[ˈlipu] ‘limpo’ [ˈsupla] ‘soprar’	Onset simples C2 em onset com 2 elementos	
	[ʎ]	[ˈsoʎ] ‘sol’	Coda	
	[ʎ]	[ˈgaʎu] ‘galho’	Onset simples (medial)	
Vibrante	[r]	[ˈrabu] ‘rabo’ [gurˈdura] ‘gordura’ [ˈfruta] ‘fruta’	Onset simples Coda C2 em onset com 2 elementos	

Comparando as realizações fonéticas vocálicas e consonantais do kabuverdianu do Príncipe com a variedade falada em Santiago (cf. Lang 2002; Quint 2000a; Rodrigues 2007), foram encontradas poucas diferenças: a vogal central [ɐ] que pode ser realizada na variedade santiaguense não ocorreu nos dados do Príncipe, sendo necessária uma análise acústica para confirmar essa percepção. Sobre a vogal central, é possível inclusive contestar a frequência de sua realização mesmo na variante santiaguense, dado que Lang (2002), Quint (2000a) e Rodrigues (2007) chegam a questionar a produtividade da oposição fonêmica

entre /a/ e /ɐ/. Ademais, a despeito de ser possível reconhecer sua existência, não houve um número robusto de dados para caracterizar o comportamento fonológico de ditongos (como em ['sɛw] ‘céu’ e ['kojza] ‘coisa’) e das consoantes antecedidas pelo traço nasal (como em ['ɲgana] ‘enganar’). Por fim, no tocante à distribuição dos fones consonantais na sílaba, o fone [v], por exemplo, possivelmente deve ocorrer também na primeira posição de um onset complexo (como se verifica com as oclusivas e com o [f]).

Passando para a comparação dos itens lexicais do kabuverdianu do Príncipe (KVP) com os encontrados na variedade de Santiago (KVS), observou-se que as duas variedades possuem muitas semelhanças entre si, tanto nos itens lexicais utilizados¹¹ – em geral, para se referir a um mesmo conceito, santiaguenses e principenses recorrem a um mesmo vocábulo – quanto em sua realização fonética, com algumas poucas diferenças. A seguir, serão discutidos alguns aspectos que chamam a atenção na análise das duas variedades.

Quanto à posição do acento lexical, não foram observadas, de maneira geral, diferenças consideráveis entre o kabuverdianu falado no Príncipe e em Santiago, com o acento caindo na mesma posição (última, penúltima ou antepenúltima) nas duas variedades. As únicas variações encontradas são decorrentes de interpretações diversas em sequências de duas vogais ou glide e vogal (hiato ou ditongo) em que o núcleo vocálico permanece o mesmo (cf. exemplo (1)):

(1)	Vocábulo	KVP	KVS
	afiado	[fi'adu]	[ɐ'fjadu] ¹²
	joelho	[dzu'elu]/[ʒu'eɮu]	['dweɖʒu]/['ʒweɮu]
	poeira	[pu'era]	['pweɾɐ]

¹¹ Quanto ao aspecto semântico, a comparação entre as variedades principense e santiaguense do kabuverdianu mostrou que, por exemplo, nas duas, o vocábulo ['pɛ] pode significar não apenas ‘pé’, mas também ‘perna’, sofrendo uma extensão de sentido com relação ao português, como também ocorre em outras línguas crioulas, apesar de a palavra ['perna] também ser encontrada no Príncipe e em Santiago. Este traço é comum em todo o continente africano (cf. Heine & Leyew 2007: 24) configurando, portanto, um traço de substrato. Ademais, observamos que as duas variedades podem recorrer a expressões iguais para se referir a um mesmo significado: ‘ficar de pé’ é ['stadi'pɛ] (lit. ‘estar de pé’) e ‘temer’ é ['tene'medu] / ['teni'medu] (lit. ‘ter medo’).

¹² As transcrições do kabuverdianu de Santiago foram mantidas como aparecem nas obras consultadas – Quint (1998) e Lang (2001) –, exceto no caso das africadas [tʃ] e [dʒ], que, em Lang (2001), aparecem, respectivamente, como as oclusivas palatais [ç] e [ʝ]. Para mais informações sobre essas transcrições, consultar a seção da metodologia.

No âmbito das vogais, a comparação mostrou que existe variação entre as vogais médias anteriores (como se observa em (2)) e posteriores (conforme (3)) nas amostras do kabuverdianu do Príncipe e de Santiago. A análise desses primeiros dados sugere que, no Príncipe, haveria a tendência de usar a vogal mais próxima do português (e mais distante das outras línguas crioulas faladas no Golfo da Guiné: santome, lung'le e angular). Esta conjuntura poderia ser decorrente do fato de que a grande maioria de falantes de kabuverdianu do Príncipe é falante de português e não das línguas autóctones de STP, como mencionado acima. Contudo, tal hipótese precisa ser verificada com uma amostra mais ampla de dados e com mais informantes.

(2)	Vocábulo	KVP	KVS
	cabeça	[ka'besa]/[ka'besa]	[kɛ'besɛ]/[kɛ'be]/[ka'besa]
	cabelo	[ka'belu]	[kɛ'belu]/[kɛ'bel]/[ka'belu]
	cotovelo	[kutu'belu]	[kutu'belu]/[kutu'belu]
	preto	['pretu]	['pretu]
	pedra	['pedra]	['pedrɛ]/['pedra]
	sebo	['sebu]	['sebu]/['sebu]
	gelado	[ʒɛ'ladu]	[ʒɛ'ladu]

(3)	Vocábulo	KVP	KVS
	rosto	['rostu]/['rɔstu]	['rɔstu]
	dor	['dɔr]	['dɔr]
	ovo	['ɔbu]/['ɔbu]	['ɔbu]
	coragem	[kɔ'razi]/[ko'razi]/[ko'rafi]	[ko'razi]/[ku'razi]
	ver	['ɔdʒa]	['ɔdʒɛ]/['ɔdʒa]
	gostar	['gɔsta]	['gɔstɛ]/['gɔstɔ]
	morar	['mɔra]	['mɔrɛ]/['mɔrɔ]

No que tange aos segmentos consonantais, o KVP apresenta a série das fricativas sonoras ([v z ʒ]) e a lateral palatal ([ʎ]), demonstrando que, quando a língua chegou ao arquipélago do Golfo da Guiné, tais segmentos – apontados por Lang (2002) como ausentes nos primórdios do kabuverdianu de Santiago – já faziam parte da língua. O comportamento dessas consoantes no kabuverdianu do Príncipe é semelhante ao encontrado em Santiago (cf. Lang 2002), como se observa em (4) a seguir.

Os segmentos [b] e [v] em palavras do português receberam três tratamentos no kabuverdianu do Príncipe:¹³ (i) realização somente de [b], como se observa em (4); (ii) realização somente de [v], a exemplo dos dados em (5); e (iii) variação entre [v] e [b], como em (6). Ao se comparar a variedade principense com a santiaguense, percebe-se que a variação entre [b] e [v] parece ser mais difundida entre os falantes de Santiago, dado que grande parte dos vocábulos em (4) e (5) que possuem apenas um dos segmentos no Príncipe (ou [b] ou [v]) apresenta formas variantes em Santiago.

(4)	Vocábulo	KVP	KVS
	velho	[ˈbeʝu]/[ˈbedʒu]	[ˈbedʒu]/[ˈveʎu]/[ˈbedʒu]
	novo	[ˈnɔbu]	[ˈnɔbu]/[ˈnɔvu]
	vermelho	[berˈmedʒu]/[burˈmedʒu]	[burˈmedʒu]/[bruˈmedʒu]
	ventar	[ˈbẽta]	[ˈbenta]/[ˈventa]
	ouvir	[ˈobi]	[ˈobi]/[ˈovi]
	ferver	[ˈferbi]	[ˈferbi]
	chover	[ˈtʃobi]	[ˈtʃobi]
(5)	Vocábulo	KVP	KVS
	nuvem	[ˈnuvẽ]	[ˈnubri]/[ˈnuvẽ(ŋ)]
	vinho	[ˈvĩɲu]	[ˈviɲu]
	viver	[ˈvivi]	[ˈvivi]/[ˈbibi]/[ˈbibe]
	virar	[ˈvira]	[ˈbirɐ]/[ˈvirɐ]/[ˈbira]
	vomitar	[vuˈmita]	[vuˈmitɐ]/[guˈmitɐ]
(6)	Vocábulo	KVP	KVS
	verde	[ˈberdi]/[ˈverdi]	[ˈberdi]/[ˈverdi]
	chuva	[ˈtʃuba]/[ˈtʃuva]	[ˈtʃubɐ]/[ˈtʃuba]
	vento	[ˈbẽtu]/[ˈvẽtu]	[ˈbɛntu]/[ˈbẽtu]
	lavar	[ˈlaba]/[ˈlava]	[ˈlabɐ]/[ˈlaba]

¹³ Consideramos que a realização de [v] seja por influência do português moderno em ambas as variedades, como proposto por Couto (1994). Segundo Quint (2000a), o *badiu* (kabuverdianu de Santiago) antigo não possuía o fonema /v/. Apesar da realização de [v] no kabuverdianu moderno, o estatuto fonológico de /v/ não é consensual na literatura, uma vez que apresenta uso lexical restrito e comum em variedades de falantes mais jovens (Freitas 2016) e de não existirem pares mínimos fonológicos. Freitas (2016) argumenta que /v/ está integrado ao sistema fonológico de uma significativa parte dos falantes, uma vez que, além das palavras que apresentam variação, há palavras que somente podem ser realizados com [b], como [ˈbi.tʃu] e outras somente com [v], como [ˈar.vri].

Passando para a fricativa dental/alveolar sonora, no kabuverdianu do Príncipe, foram encontrados exemplos em que esse é o único segmento possível (conforme (7)), assim como casos de variação entre [z] e [s], como se vê em (8). Ao comparar as variedades do Príncipe e de Santiago, novamente parece que a variação se faz mais presente em Santiago, uma vez que atinge também alguns dos vocábulos elencados em (7).

(7)	Vocábulo	KVP	KVS
	azul	[a'zuł]	[ɐ'zul]
	exame	[ẽ'zami]	[i'zami]/[nzami]/[~zami]
	asa	['aza]	['asɐ]/['azɐ]/['asɔ]
	cinzas	['sĩza]/['sĩzas]	['sĩsɐ]/['sĩzɐ]/['sĩsa]

(8)	Vocábulo	KVP	KVS
	casa	['kaza]/['kasa]	['kasɐ]/['kazɐ]/['ka]/['kasa]
	pesado	[pi'sadu]/[pe'zadu]	[pe'zadu]/[pe'sadu]/[pi'sadu]
	coisa	['kojza]/['kusa]/['kuza]	['kusɐ]/['kuzɐ]/['kojzɐ]/['kusa]/['kuza]

Quanto à fricativa alveopalatal sonora ([ʒ]), foram encontrados, no Príncipe, exemplos em que ele é o único segmento utilizado, bem como casos de variação com a contraparte surda ([ʃ]) e com a africada ([dʒ]), como se observa em (9). Tal comportamento também apareceu no kabuverdianu de Santiago (com a variação em geral coincidindo para os mesmos vocábulos), acrescido da variação com [g] no caso da palavra referente a 'gente'.

(9)	Vocábulo	KVP	KVS
	gelado	[ʒɛ'ladu]	[ʒɛ'ladu]
	gelo	['ʒɛlu]	['ʒɛlu]
	gente	['ʒɛ̃ti]	['gɛ̃ti]/['dʒɛ̃ti]/['ʒɛ̃ti]/['gɛ̃ti]
	jogar	['ʒuga]	['dʒugɐ]/['dʒuga]
	longe	['lõʒi]/['lõʃi]	['lõʒi]
	sujo	['suʒu]/['suʃu]/['suʒi]	['suʃu]/['suʒu]
	joelho	[dʒu'ɛlu]/[ʒu'ɛlu]	['dwɛdʒu]/['ʒwɛlu]

Por fim, quanto à lateral palatal, foi possível perceber que, nos dados do kabuverdianu do Príncipe (bem como nos de Santiago), esse segmento, apesar de possível, não é muito recorrente. Assim sendo, nas palavras oriundas do português que possuíam [ʎ], esse segmento pode ser realizado de quatro formas (cf. exemplos em (10)): (i) despalatalização ([ʎ] > [l]); (ii) vocalização ([ʎ] >

[j]); (iii) [ʎ] > [dʒ] (com um possível estágio intermediário [lj]/[lʝ], não registrado no corpus); e (iv) manutenção do segmento (pouco comum).

(10)	Vocábulo	KVP	KVS
	joelho	[dʒu'eɫu]/[ʒu'eɫu]	['dweɔdʒu]/['ʒweɫu]
	velho	['beju]/['bedʒu]	['bedʒu]/['veɫu]/['bedʒu]
	folha	['fɔdʒa]	['fɔdʒɐ]/['fɔɫɐ]/['foɫa]
	piolho	[pi'oju]/[pi'odʒu]	['pjodʒu]
	mulher	[mu'dʒɛɾ]	[mu'dʒɛɾ]/[mu'dʒɛ]/[mu'ɫɛɾ] /[mu'dʒɛɾ]
	galho	['gaɫu]	['gadʒu]
	milho	['miju]/['midʒu]	['midʒu]

No Príncipe, a lateral palatal e lateral alveolar variam. Entre as duas variedades, há a variação de [dʒ] em Santiago e [ʎ] no Príncipe. Os fones [j] e [dʒ] também variam no Príncipe, ao passo que [dʒ] e [ʎ] variam em Santiago.

Quanto à distribuição dos segmentos nas sílabas, no kabuverdianu do Príncipe, assim como no de Santiago, foram encontradas palavras iniciadas por um cluster (com duas ou três consoantes) cujo primeiro elemento é [s] ou [ʃ], violando o Princípio de Sonoridade (SSP). Contudo, para alguns vocábulos na variedade principense, ocorre uma vogal anterior ([i], [e] ou [ɛ]) antes da sibilante e, conseqüentemente, ressilabificação. Esse comportamento pode ser visto em (11):

(11)	Vocábulo	KVP	KVS
	esquerda	[iʃ'kerda]/[ʃkerda]	['skɛɾɔɐ]/['skɛɾu]/['skerɔa]
	escova	['ʃkova]	['skobɐ]/['skovɐ]/['skovɔa]
	estreito	[es'tretu]/[is'tretu]	['stretu]
	estrada	[es'trada]/[es'trada]	['stradɐ]/['stradɔa]
	estrela	['stɾɛla]/['stɾɛla]	['tɛla]/['stɾɛɫɐ]
	escrever	['skɾɛbi]	['skɾɛbi]
	esfregar	['sfɾɛga]/[ʃfɾɛga]/ ['sfɾɛga]/[ʃfɾɛga]	['fɛɾgɐ]/['fɾɛgɐ]/['sfɾɛgɐ] /[fɛɾgɔa]

Quanto às palavras iniciadas com um segmento nasal, a inserção vocálica ocorre nas duas variedades, como se observa em (12):

(12)	Vocábulo	KVP	KVS
	inchado	[ĩ'tʃadu]	[ĩɲ'tʃadu]/[ɲtʃadu]
	então	['ẽtẽw]	['ntõ(ɲ)]/[en'tõ(ɲ)] /[ɐn'tõ(ɲ)]/[in'tõ(ɲ)]
	exame	[ẽ'zami]	[i'zami]/['nzami]/['~zami]
	empurrar	[ẽ'pura]/[ĩ'pura]/['pura]	['mpure]
	embalar	[ẽ'bala]	['mbalɐ]/[im'balɐ]
	enganar	['ɲgana]	['ɲganɐ]/[eɲ'ganɐ] /[iɲ'ganɐ]
	enfiar	['ɲfja]	['ɲfjɐ]/['~fja]

No Príncipe, predomina a presença de uma vogal antes do elemento nasal (havendo somente dois verbos nos nossos dados iniciados pela consoante nasal); em Santiago, há mais casos do elemento nasal no começo da palavra. Dada a limitação do nosso corpus, essa análise precisaria de um maior número de dados a fim de ser confirmada ou refutada.

4. Considerações finais

O objetivo deste texto foi apresentar um panorama histórico da migração de caboverdianos para STP e uma análise preliminar de aspectos fonético-fonológicos e do vocabulário do kabuverdianu falado na Ilha do Príncipe. Em relação aos dados sócio-históricos, concluímos, com base na literatura disponível e no trabalho de campo realizado em 2018, que o kabuverdianu é falado pelos ex-contratados e seus descendentes até hoje no Príncipe. Como já mencionado, esses falantes são, em sua grande maioria, bilíngues em português e, em geral, não são falantes de lung'Ie.

De maneira geral, não encontramos empréstimos do lung'Ie no kabuverdianu falado na Ilha do Príncipe, como já era esperado, uma vez que os falantes de lung'Ie não são, em geral, falantes de kabuverdianu ou de etnia Caboverdiana. Além disso, as duas línguas não convivem nos mesmos ambientes. Como estamos lidando com uma migração razoavelmente recente, é difícil precisar itens que tenham entrado na variedade estudada após o processo migratório, ainda mais considerando que utilizamos itens do vocabulário básico para nossa análise. Ao mesmo tempo, também seria esperado que os resultados de empréstimos recentes do português pós-migração sofressem adaptações similares no Príncipe e em Santiago, uma vez que a gramática fonético-fonológica dessas variedades permanece similar. No entanto, também

esperamos encontrar realizações fonéticas mais próximas do português na variedade do Príncipe, como visto em relação às vogais médias em (2), uma vez que, diferentemente do kabuverdianu falado em Cabo Verde, esta variedade está em intenso contato com o português. Apesar de não ter sido possível verificar em nossos dados, é esperado que, como língua de herança, esta influência será mais comum em falantes mais novos. Ademais, mesmo que parte dos caboverdianos não tenha vindo de Santiago, hipotetizamos que a variedade do Príncipe tenha sofrido uma homogeneização dialetal por estar circunscrita a um novo microcosmo linguístico, tanto no que se refere ao meio ambiente físico quanto social em que está inserida. Finalmente, não encontramos evidências do impacto de diferentes variedades de kabuverdianu no Príncipe, o que nos leva a considerar que a variedade de Santiago foi a mais disseminada entre os migrantes, como já sugerido por Semedo (2016). Ressaltamos, no entanto, que esta pesquisa é de caráter preliminar e que estas hipóteses só poderão ser confirmadas ou refutadas com a análise de mais dados. Em relação aos aspectos linguísticos, a caracterização fonética do kabuverdianu do Príncipe apresentada possui um caráter preliminar, dada a limitação do corpus coletado. Em síntese, o KVP apresenta os fones vocálicos [i e ε a o u] que podem ocorrer em posição tônica e pré-tônica. Em posição átona final, encontramos três fones: [i a u] ([ˈkarni] ‘carne’, [ˈaza] ‘asa’ e [ˈtêpu] ‘tempo’). Ademais, o KVP possui fones com traço nasal [ĩ ẽ õ ã]. O KVS, por seu turno, apresenta oito fonemas vocálicos (/i e ε a ɐ o u/) e cinco vogais nasalizadas ([ĩ ẽ õ ã]) (cf. Lang 2002; Quint 2000a; Rodrigues 2007). Na comparação entre as realizações fonéticas vocálicas, foram identificadas poucas diferenças, tais como a vogal central [ɐ] possível em KVS, não registrada no corpus do KVP. No que tange aos segmentos consonantais, o KVS apresenta vinte consoantes (/p b t d k g f v s z ʃ ʒ tʃ dʒ m n ɲ l ʎ r/), ao passo que, em KVP, encontrou-se um número de fones quase similar ([p b t d k g f v s ʃ ʒ tʃ dʒ m n ɲ l ʎ r]): vinte e um. Em relação à distribuição silábica dos fones consonantais, [v], diferentemente do que ocorre em KVS, pode ocorrer também na primeira posição de um onset complexo (como se verifica com as oclusivas e com o [f]) em KVP. Para mais, a presença da série das fricativas sonoras ([v z ʒ]) e a lateral palatal ([ʎ]), ausentes na emergência do KVS (Lang 2002), aponta que, possivelmente, os itens já faziam parte da língua no momento em que chegou ao Golfo da Guiné. Nas duas variedades, o comportamento dessas consoantes é semelhante (cf. Lang 2002). Observou-se ainda uma flutuação no tratamento de itens de étimo português que apresentavam [ʎ]. No corpus, observamos quatro formas de tratamento da consoante, a saber: (i) a despalatalização ([ʎ] > [l]); (ii) a vocalização ([ʎ] > [j]);

(iii) a adaptação de [ʌ] para [dʒ] (com um possível estágio intermediário [lʃ]/[lʃ], não registrado no corpus); e (iv) a manutenção do segmento (pouco comum).

No que diz respeito ao padrão acentual, não houve diferenças substanciais, posto que o acento recai na mesma posição em ambas as variedades (última, penúltima e antepenúltima), exceto em contextos em que se pode interpretar determinados segmentos quer como duas vogais sequenciais quer como glide e vogal; contudo, nas duas interpretações, o núcleo vocálico é preservado. Tal oscilação é também observada no KVS.

Quanto à comparação lexical, observamos que as duas variedades fazem uso de vocábulos iguais ou muito semelhantes para se referir aos mesmos conceitos. É importante ressaltar que trabalhamos com itens lexicais de uso comum e mais geral, pelo que, numa análise futura com um maior número de vocábulos (incluindo empréstimos mais recentes), será possível observar se essa tendência de uso de vocábulos similares se mantém ou não.

Como desdobramentos futuros, consideramos a necessidade de mais estudos sobre a variedade de kabuverdianu falada no Príncipe, tratando de aspectos como: (i) a comparação com as variedades faladas nas ilhas de Barlavento e Sotavento; (ii) o estatuto do kabuverdianu do Príncipe como língua de herança; (iii) as interferências do português no kabuverdianu; e (iv) a comparação entre o kabuverdianu do Príncipe e o de São Tomé, que reúne, além do português, o santome e o angolar. Como se observa, o estudo do kabuverdianu do Príncipe requer múltiplas análises, constituindo, por conseguinte, um objeto profícuo para pesquisadores interessados.

Referências

- Agostinho, Ana Livia. 2009. *Trabalho de campo em São Tomé e Príncipe*. Inédito.
- Agostinho, Ana Livia. 2015. *Fonologia e método pedagógico do Lung'le*. São Paulo, SP: Tese da Universidade de São Paulo.
- Agostinho, Ana Livia. 2016. *Fonologia do Lung'le*. München: Lincom.
- Agostinho, Ana Livia, Manuele Bandeira, Shirley Freitas. 2020. Línguas crioulas e o papel da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe. In Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos; Fábio Marques de Souza (eds.), *Lusofonias Em Debate*, 63-86. São Paulo: Mentis Abertas.
- Berthet, Marina. 2011. Emigração cabo-verdiana em São Tomé e Príncipe (1940-1970): uma apropriação do tempo e dos espaços. *XXVI Simpósio Nacional de História ANPUH: 50 anos* 1. 1-13.
- Berthet, Marina. 2012. Reflexões sobre as roças em São Tomé e Príncipe. *Estudos Históricos* 25(50). 331-351.

- Carreira, António. 1983. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.
- Couto, Hildo Honório do. 1994. *O Crioulo Português da Guiné-Bissau*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Feio, Joana Areosa. 2016. Cabo-Verdianos e São-tomenses de ascendência cabo-verdiana em São Tomé e Príncipe na atualidade: uma abordagem etnográfica. In Iolanda Évora (org.), *Diáspora cabo-verdiana: temas em debate*, 200-226. Lisboa: CEsa (Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina)/ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão).
- Freitas, Shirley. 2016. *Contribuições linguísticas cabo-verdiana e sefardita na formação do papiamentu*. São Paulo, SP: Tese da Universidade de São Paulo.
- Graham, Steve & Graham, Trina. 2014. West Africa Lusolexed Creoles Word List File Documentation. <http://www.sil.org/silesr/2004/silesr2004-012.html> (02 jul., 2015).
- INE - Instituto Nacional de Estatística. 2012. População Segundo Línguas Faladas, RGP 2012. <https://www.ine.st/phocadownload/userupload/Documentos/Atlas/Caracter%C3%ADsticas%20Educativas/5.%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20seg.%20L%C3%ADnguas%20Faladas%20-%202014.pdf> (10 set., 2021).
- Heine, Bernd & Leyew, Zelealem. 2007. Is Africa a Linguistic Area? In Bernd Heine and Derek Nurse (eds.), *A Linguistic Geography of Africa*, p. 15-35. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lang, Jürgen (ed.). 2001. *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português*, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang. Tübingen: Narr.
- Lang, Jürgen 2002. Gramática do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde). Capítulo 1. <http://iilp.wordpress.com/2012/11/14/umagramatica-do-crioulo/> (12 nov., 2013).
- Nascimento, Augusto. 2010. *Histórias da Ilha do Príncipe*. Oeiras: Município de Oeiras.
- Nascimento, Augusto. 2008. *Atlas da lusofonia*: São Tomé e Príncipe. Lisboa: Prefácio.
- Nascimento, Augusto. 2004. Escravatura, trabalho forçado e contrato em S. Tomé e Príncipe nos séculos XIX-XX: sujeição e ética laboral. *Africana Studia* 7. 183-217.
- Nascimento, Augusto. 2001. Representações sociais e arbítrio nas roças: as primeiras levas de caboverdianos em S. Tomé e Príncipe nos primórdios de novecentos. *Arquipélago. História* 2ª série 5(1). 325-370.
- Quint, Nicolas. 1998. *Dicionário de Caboverdiano-Português*. Lisboa: Ed. Verbalis. CD-ROM.
- Quint, Nicolas. 2000a. *Grammaire de la Langue Cap-Verdienne*. Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas. 2000b. *Le Cap Verdien: Origines et Devenir d'une Langue Métisse*. Paris: L'Harmattan.
- Rodrigues, Ulisdete. 2007. *Fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional*. Brasília, DF: Tese da Universidade de Brasília.
- São Tomé: os últimos contratados. 2009. Produção e realização de Leão Lopes. Imagem de João Abel Aboim. Som e edição de Paolo Martelli. 51 min.
- Seibert, Gerhard. 2015. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. *Anuário Antropológico/2014* 40(2). 99-120.
- Semedo, Carla Indira Carvalho. 2016. *Ilusões do Contrato? Migrações sul-sul, evocações do tráfico, contranarrativas e socialidades dos cabo-verdianos nas roças de São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro, RJ: Tese do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Sousa, Nardi. 2014-2015. A gestão das migrações em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: uma análise comparada (1991-2014). *Revista Cabo-Verdiana de Ciências Sociais* ano 2, 2-3. 185-214.
- Winford, Donald. 2013. Social Factors in Contact Languages. In Peter Bakker and Yaron Matras (eds.), *Contact Languages. A Comprehensive Guide*, p. 363-417. Berlin, Boston: De Gruyter.
- Yakpo, Kofi. 2020. Social Factors. In Evangelia Adamou and Yaron Matras (eds.), *The Routledge Handbook of Language Contact*, p. 129-146. Routledge Handbooks Online.